

UCRÂNIA: A NÉVOA PAIRA SOBRE KIEV

Na Guerra Russo-Ucraniana, a tecnologia revela cada movimento no campo de batalha, mas a verdadeira decisão permanece envolta em névoa: na política, na resistência e na vontade de continuar.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A guerra na Ucrânia apresenta um paradoxo. Nunca antes os exércitos dispuseram de tantos meios para observar o campo de batalha. Satélites, drones, sensores, inteligência artificial e sistemas de vigilância permitem detectar movimentos, identificar alvos e direcionar disparos com uma precisão inédita. No entanto, quanto mais transparente se torna o espaço físico da guerra, mais difícil é compreender as intenções políticas, as disputas internas e as negociações que podem decidir o seu desfecho.

Essa é a nova Névoa da Guerra 2.0. Ela não nasce da escassez de informações, mas da abundância: imagens, declarações, operações secretas e versões contraditórias formam uma massa na qual é difícil distinguir o fato da interpretação e o sinal verdadeiro da manobra de despistamento.

Nesse cenário, a guerra entrou em uma fase de desgaste sistêmico. A Rússia continua pressionando a frente terrestre, mas seu esforço não pode ser medido apenas pelos quilômetros conquistados. A infraestrutura energética, os transportes, os centros logísticos,

a produção de drones, as comunicações e a defesa aérea fazem parte do mesmo campo de batalha. O objetivo não é apenas derrotar unidades ucranianas, mas degradar as funções que permitem sustentar a guerra.

ESTAGNAÇÃO APARENTE

Os relatórios divulgados pelo Ministério da Defesa russo descrevem uma pressão simultânea que vai de Sumy e Kharkov até Donetsk, Dnipropetrovsk e Zaporizhzhia. Como ocorre com qualquer informação fornecida por uma parte beligerante, os números devem ser analisados com cautela. Mais significativo do que os números, é o padrão operacional: pressão sobre uma grande extensão da frente, concentração de esforços no sistema defensivo de Donbass e ataques contra transportes, depósitos, oficinas de drones e estações de guerra eletrônica.

A estabilização relativa da linha de contato não significa que a guerra esteja parada. Pode indicar que a decisão está se deslocando para outro nível. Kramatorsk, Sloviansk, Druzhkivka e Kostiantynovka formam um sistema defensivo cujo valor supera o de cada cidade isolada. Para a Ucrânia, preservá-lo significa manter as posições fortificadas que protegem o interior de seu dispositivo militar. Para a Rússia, romper essa linha permitiria penetrar na retaguarda e modificar as condições de qualquer negociação.

No entanto, a sorte do Donbass não depende apenas do combate terrestre. Depende também da capacidade ucraniana de abastecer suas forças, reparar equipamentos, manter as comunicações, proteger as cidades e sustentar sua economia.

Diversos analistas militares afirmam que Vladimir Putin está convencido de que o tempo joga a favor da Rússia e que a Ucrânia começa a ceder progressivamente. Embora a frente de batalha permaneça relativamente estável, Moscou aposta que a deterioração estratégica produzirá o resultado que ainda não conseguiu obter por meio de um rompimento operacional.

A Rússia intensificou o uso combinado de drones a jato, mísseis de cruzeiro e mísseis balísticos contra alvos estratégicos. A Ucrânia precisa de munição para sistemas como Patriot, NASAMS, IRIS-T e SAMP/T, mas os prazos de produção industrial do Ocidente não permitem repor rapidamente os interceptadores consumidos. Cada ataque impõe, então, um dilema: o que proteger, qual sistema empregar e contra qual alvo gastar um míssil de alto custo. A Rússia pode combinar drones, iscas e mísseis para saturar as defesas e obrigar o adversário a consumir recursos escassos.

A Ucrânia também intensificou seus ataques contra refinarias, instalações energéticas e alvos militares russos. Essas operações causam danos e obrigam Moscou a dispersar suas defesas, mas ainda não parecem suficientes para alterar sua vontade política. A questão decisiva não é quem realiza o ataque mais espetacular, mas quem consegue sustentar por

mais tempo o ciclo de produção, lançamento, interceptação, reparo e reposição.

DEPOIS DE RATCLIFFE

A visita do diretor da CIA, John Ratcliffe, a Moscou, introduziu um elemento novo. Um contato de tal nível indica que Washington e o Kremlin mantêm canais reservados e que, por trás da guerra visível, desenrola-se outra negociação, opaca e mais complexa, sobre as condições de uma possível saída.

Os ataques russos aumentaram depois dessa viagem. A coincidência temporal não demonstra uma relação de causa e efeito, mas pode ser interpretada como um sinal: Moscou teria acompanhado o diálogo com uma demonstração de força para indicar que não considera suficiente o que foi oferecido e que acredita poder melhorar sua posição durante o próximo inverno.

Donald Trump manteve, em seguida, uma conversa telefônica com Putin e afirmou que o presidente russo estaria interessado em chegar a um acordo. Acrescentou que a paz seria possível se Volodymyr Zelensky também estivesse disposto. A ordem é significativa: Washington parece explorar primeiro com Moscou os limites de uma solução e, depois, buscar a aceitação de Kiev. A Ucrânia não foi formalmente excluída, já que enviados americanos também visitaram sua capital, mas surge uma assimetria crescente. O país que suporta a guerra pode resistir ou rejeitar as condições, embora o quadro estratégico comece a ser definido pelas potências que possuem os meios para prolongá-la ou interrompê-la.

Diplomacia e escalada não são movimentos contraditórios. Cada parte tenta modificar, no terreno, as condições da mesa de negociações. A intensificação dos ataques pode ser, portanto, uma forma de negociação armada.

FISSURAS EM KIEV

Enquanto a pressão russa aumenta, surgiram tensões difíceis de ignorar dentro do aparato de segurança ucraniano. O confronto armado entre integrantes do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU) e da inteligência militar (GUR ou HUR) deixou feridos e obrigou Zelensky a ordenar uma investigação.

O episódio ocorreu durante uma operação relacionada a Stepan Kaplunov, integrante do Corpo de Voluntários Russos que combate ao lado da Ucrânia. As versões sobre sua detenção, as acusações de colaboração com a Rússia e a intervenção de membros da inteligência militar continuam contraditórias. O que se pode comprovar é que integrantes armados de dois órgãos estatais entraram em confronto entre si em Kiev. Isso não basta para falar em guerra civil, mas também não pode ser reduzido a um incidente irrelevante: revela rivalidades, sobreposição de competências e dificuldades na cadeia de comando.

No centro dessa trama aparece Kyrylo Budanov, antigo chefe da inteligência militar e atual responsável pelo Gabinete da Presidência. Sua nomeação o colocou no núcleo do governo Zelensky, mas não eliminou sua base de poder nos serviços de segurança nem sua relação histórica com as agências americanas. Algumas interpretações sustentam que Washington o considera capaz de facilitar uma saída negociada. É uma hipótese ainda não comprovada. O fato é que os Estados Unidos precisam de interlocutores capazes de dialogar com Moscou, manter influência sobre o aparato militar e obter aceitação interna para um acordo provavelmente doloroso.

Por isso, a busca pela paz também pode provocar novas disputas em Kiev. Quando se começa a rever os objetivos da guerra, discute-se, ao mesmo tempo, quem conduzirá a transição e quem arcará com o custo político das concessões.

A MARAVILHOSA TRINDADE DE CLAUSEWITZ

O general prussiano descreveu a guerra por meio de uma “*trindade maravilhosa*”: o povo, as Forças Armadas e o governo. O povo fornece as paixões e a vontade; o exército atua no terreno da coragem, do acaso e da criatividade; o governo deve submeter a guerra à razão política. A força de uma nação depende da articulação entre esses componentes.

Na Ucrânia, ainda não se pode falar em uma ruptura geral dessa trindade. A sociedade tem suportado enormes sacrifícios, as Forças Armadas mantêm suas posições e o governo conserva sua capacidade de condução. No entanto, surgem sintomas de tensão. O desgaste das unidades, as dificuldades de mobilização e a insuficiência da defesa aérea afetam o componente militar. As disputas entre os diferentes ramos das Forças Armadas e as divergências sobre uma negociação repercutem no governo. Os ataques à infraestrutura energética, aos transportes e às cidades transferem o custo da guerra para a população.

A estratégia russa parece orientada a desarticular esses elementos: separar o povo do governo, enfraquecer a confiança nas Forças Armadas e convencer a liderança política de que continuar a guerra resultará em condições piores. Moscou busca acumular desgaste até que os componentes da trindade deixem de agir com a mesma vontade e em direção a um objetivo político compartilhado.

BATALHA PELA VONTADE

A dimensão informativa completa esse processo. Nesta coluna, temos alertado que o espaço informativo se tornou um dos principais campos de batalha do século XXI. Nele, busca-se desmoralizar a sociedade, desacreditar as autoridades e apresentar o inimigo externo como menos perigoso do que as divisões internas.

Seria um erro atribuir toda contradição social ou política a uma operação russa. A guerra

cognitiva não cria necessariamente as fraturas: frequentemente, ela identifica as existentes, aprofunda-as e as direciona. A propaganda utiliza as dificuldades de mobilização, as disputas institucionais, a corrupção, os apagões, as baixas e o cansaço para construir uma interpretação geral: a de que o sacrifício perdeu o sentido e que o verdadeiro adversário está dentro do próprio governo.

LIMIAR POLÍTICO

A Ucrânia não está necessariamente diante de um colapso imediato. A Rússia também não obteve uma vitória decisiva e continua sofrendo perdas, ataques à sua infraestrutura e os custos de uma guerra prolongada. A resistência ucraniana mantém sua capacidade de adaptação, e as potências ocidentais ainda poderiam alterar o equilíbrio de forças por meio de novos fornecimentos.

No entanto, a frente militar, a infraestrutura, a produção industrial, a defesa aérea, a diplomacia e a estabilidade interna não podem ser analisadas isoladamente. Elas formam um sistema único. Uma guerra de atrito atinge seu momento decisivo quando as perdas materiais começam a se transformar em consequências políticas: quando a escassez de munição condiciona o governo, os apagões alteram o ânimo da população, as derrotas modificam as relações entre as instituições e os aliados preparam uma saída diferente daquela proclamada publicamente.

A tecnologia tornou visível quase todos os movimentos no campo de batalha. Mas não consegue revelar com a mesma clareza o que foi discutido em Moscou, o que Washington busca, por quanto tempo a Europa está disposta a sustentar o esforço ou como evoluirá a relação entre Zelensky, Budanov e as forças armadas ucranianas.

A névoa não desapareceu: ela se deslocou. Já não cobre apenas as trincheiras: desce sobre Kiev, Moscou, Washington e as capitais europeias. E é aí, na relação entre a vontade dos povos, a resistência dos exércitos e os cálculos dos governos, que provavelmente se decidirá a próxima fase da guerra.

Publicado no [La Prensa](#).

****Gabriel Camilli** é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
